



Contradictions of Necropolitics in Brazil During the Pandemic: Semiotic Study on Art and Photography - Contradições da Necropolítica no Brasil Durante a Pandemia: Estudo Semiótico Sobre Arte e Fotografia

Authors: Ana Clara Solon Rufino, Rosângela Araújo Darwich
Submitted: 21. August 2024
Published: 9. December 2024
Volume: 11
Issue: 6
Affiliation: University of Amazon, Belém, Brazil
Languages: Portuguese
Keywords: Portinari; Veja Magazine; Necropolitics; Social inequalities. Great drought.
Categories: Visual Arts, Architecture and Design
DOI: 10.17160/josha.11.6.1008

Abstract:

The objective of this study is to establish comparisons between Portinari's work *Immigrants* (1944) and Ricardo Borges' photograph, illustrated in a news article in *Revista Veja* (2020), adopted as a record of the necropolitics implemented by the government during the Covid-19 period (2020-2022). The dialectical method under the semiotic perspective was used in the research investigation to highlight the aggravations of the contradictions that occurred during the pandemic. And the results showed that this decision-making culminated in a significant increase in deaths caused by the disease, as well as in social inequalities, at a stage of recurrence only compared to the years of misery experienced by the Northeastern population in the 19th and 20th centuries. It can be inferred that the comparative data between the works showed that the necropolitics established by the Brazilian government was similar to the state of confinement established in Ceará, determined by the Vargas government in 1930, on the occasion of the great drought

JOSHA

josha.org

**Journal of Science,
Humanities and Arts**

JOSHA is a service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content



Contradictions of Necropolitics in Brazil During the Pandemic: Semiotic Study on Art and Photography - Contradições da Necropolítica no Brasil Durante a Pandemia: Estudo Semiótico Sobre Arte e Fotografia

Ana Clara Solon Rufino, Rosângela Araújo Darwich

clara.solon@hotmail.com

University of Amazonia, Belém, Brazil

Abstract

The objective of this study is to establish comparisons between Portinari's work *Immigrants* (1944) and Ricardo Borges' photograph, illustrated in a news article in *Revista Veja* (2020), adopted as a record of the necropolitics implemented by the government during the Covid-19 period (2020-2022). The dialectical method under the semiotic perspective was used in the research investigation to highlight the aggravations of the contradictions that occurred during the pandemic. And the results showed that this decision-making culminated in a significant increase in deaths caused by the disease, as well as in social inequalities, at a stage of recurrence only compared to the years of misery experienced by the Northeastern population in the 19th and 20th centuries. It can be inferred that the comparative data between the works showed that the necropolitics established by the Brazilian government was similar to the state of confinement established in Ceará, determined by the Vargas government in 1930, on the occasion of the great drought that hit the Northeast of the country.



Keywords: Portinari; Veja Magazine; Necropolitics; Social inequalities. Great drought.

RESUMO

O objetivo deste estudo é estabelecer comparações entre a obra *Imigrantes* (1944) de Portinari e a fotografia de Ricardo Borges, ilustrada em matéria jornalística da Revista *Veja* (2020), adotada como registro da necropolítica implantada pelo governo no período da Covid-19 (2020-2022). O método dialético sob o olhar semiótico foi utilizado na investigação da pesquisa para assinalar os agravos das contradições ocorridas durante a pandemia. E os resultados apontaram que essa tomada de decisão culminou com o aumento significativo de mortes causadas pela doença, assim como, das desigualdades sociais, num estágio de recorrência só comparado aos anos de miséria vividos pela população nordestina nos séculos XIX e XX. Inferindo-se que os dados comparativos entre as obras evidenciaram que a necropolítica estabelecida pelo governo brasileiro, foi semelhante ao estado de confinamento instaurado no Ceará, determinado pelo governo Vargas em 1930, por ocasião da grande seca que acometeu o Nordeste do país.

Palavras-chave: Portinari; Revista *Veja*; Necropolítica; Desigualdades sociais. Grande seca.



Introdução

Como fundamento, vale destacar a dialética materialista histórica enquanto postura ou invenção criativa de mundo: como o método que configura a compreensão da origem da realidade e, enquanto práxis. Ou seja, da natureza teórico-prática no desejo de empreender novos caracteres e de conversão a outros métodos no campo do conhecimento e no âmbito da historicidade real (Frigotto, 2001).

Nessa órbita, entende-se ao processo de interpretação dos signos como o coeficiente que comunica é capaz de transmitir mensagens por meio dos significados que o conceito de semiótica preconiza, como no caso da teoria geral de processos de significação. Vale ressaltar que a fotografia tanto pode refletir um processo artístico, fundamentado na subjetividade expressa por meio da imagem, quanto pode ser compreendida como forma de enquadramento da realidade, com vistas a reproduzi-la (Santaella, 1983).

Nesse sentido, este estudo objetivou investigar as relações entre uma pintura e uma fotografia ilustrada em matéria jornalística, cuja ilustração reflete a necropolítica ¹amplificada durante a pandemia de Covid-19, no Brasil. Para tanto, lança-se mão da análise comparativa entre a pintura do artista brasileiro Cândido Portinari (1903-1962): “Retirantes” (1944), que registra o tema da migração nordestina e a fotografia de Ricardo Borges, publicada em matéria da Revista Veja (2020): retratando uma família diante da realidade social que envolveu os efeitos da pandemia no Brasil.

Como observado a temática de discussão deste trabalho dá conta da necropolítica adotada no governo Jair Bolsonaro (2019-2022) durante a pandemia sob o estudo semiótico sobre Arte e fotografia. Para isso levantou-se o seguinte questionamento: quais impactos socioeconômicos resultaram da política negligente durante a pandemia da Covid 19? Isso feito sob as seguintes hipóteses: as atitudes confusas do governo federal culminaram com o acirramento dos problemas sociais já enfrentados anteriormente ao Coronavírus; não existiu um projeto pós-pandemia e durante a pandemia que justificaram os desmandos do Estado.

O método dialético de investigação foi considerado mais apropriado à abordagem deste tema de caráter teórico, ideológico e político sobre a realidade de uma

¹ Capacidade de ajustar parâmetros para a legitimação da submissão da vida à morte. Esse fenômeno não ocorre apenas pela instrumentalização da vida, mas paralelamente pelo aniquilamento dos corpos (Mbembe, 2016).



sociedade (Frigotto, 2001), sob o título: “CONTRADIÇÕES DA NECROPOLÍTICA NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA: estudo semiótico sobre arte e fotografia”. Justifica-se esta escolha em razão da necessidade de favorecer melhor entendimento acerca da abordagem da temática em questão, no que tange à concepção de mundo e do problema abordado, levando em conta a sua historicidade na busca por explicar preceitos fundamentais da pesquisa e de sua relevância social (Frigotto, 2001).

2. Necropolítica como forma de combate à pandemia e o estudo semiótico sobre arte e fotografia

2.1 O Coronavírus e a negligência do Estado

A pandemia de Covid-19 manifestou-se em escala global como uma condição nunca vista e terrivelmente alarmante, dado o alto nível de força destrutiva, pelo grau de disseminação e contágio e pela desestabilização das economias dos Estados. No Brasil, o negacionismo do governo vigente à época (2019-2022) contribuiu para que houvesse repulsa por parte da população às medidas de prevenção sanitárias, distanciamento social, lockdown e recomendações sob a orientação de instituições com autoridade para a demanda, como foi o caso da Organização Mundial de Saúde (OMS). O que contribuiu para a propagação do vírus e, conseqüentemente, para o aumento no número de vítimas e a paralisação das atividades econômicas (Bosquerolli et al. 2020).

Em âmbito internacional, diversos setores da economia e da sociedade solicitavam ajuda dos governos, sem mencionar o desemprego, o mercado de trabalho e a uberização fantasiada de empreendedorismo. Instituições internacionais quase diariamente revisavam seus prognósticos relacionados ao comportamento dos mercados de trabalho e do Produto Interno Bruto (PIB), assinalando adversidades no panorama (idem).

Esses mesmos autores destacam que:

A economia mundial parou. A recessão que já estava em curso acelerou-se e aprofundou-se por conta do vírus, tornando-se global e mais grave que a crise financeira de 2008, devendo superar também em profundidade e duração a Grande Depressão de 1929. Estima-se que, como resultado da crise, ao menos 500 milhões de pessoas ao



redor do mundo podem (sic) ser relegadas à condição pobreza (idem, p. 14).

Retomando ao Brasil, o país que já passava por problemas econômicos, devido à ausência de ações eficazes para conter a inflação, ficou ainda mais fragilizado devido às mazelas sociais que se acirraram: as questões raciais, de xenofobia, de gênero, de classes e de acesso à saúde e moradia, as quais afetaram a adesão às medidas preventivas recomendadas. Ressalte-se, ainda, que a mobilização mundial para o fechamento de fronteiras nacionais, na tentativa de frear a disseminação do coronavírus, não foi acatada pelo governo brasileiro que ignorou a necessidade de minimizar os efeitos do vírus e seus impactos para a população ao adotar o discurso neoliberal semelhante aos Estados Unidos (Silveira, 2020; Bosquerolli et al. 2020).

Sem o apoio da União Federal os governadores dos Estados, temendo o pior, recorreram ao Supremo Tribunal Federal (STF) para que pudessem agir por conta própria, aplicando medidas preventivas contra o vírus, como a compra de vacinas e as medidas orientadas pela OMS já adotadas ao redor do mundo. Ainda assim, o resultado geral, extremamente negativo, não pôde ser evitado, fazendo com que o Brasil se tornasse epicentro da pandemia no mundo, fato noticiado amplamente, causando notoriedade negativa ao país e evidenciando sua má governabilidade (Silveira, 2020).

Somadas à demora na tomada de decisões de combate ao vírus pelo governo brasileiro, consequências negativas relacionadas à economia brasileira surgiram, pois, uma vez que a suspensão das atividades laborais regulares foi tomada como precaução, à medida em que a pandemia se agravava. Empresas tiveram que liberar seus funcionários para o trabalho em home office como norma laboral para todos, assegurando a funcionalidade presencial somente dos serviços considerados essenciais, e com restrições, obedecendo às recomendações da OMS (idem).

Algumas empresas demitiram funcionários e outras não resistiram e a consequência foi fechar as portas, ocasionando o aumento do desemprego no país, expandindo o abismo social já existente entre as classes (Silveira, 2020). Diante do exposto, os números referentes ao desemprego bateram recorde no país, como mostra o Gráfico 1, subsequente:

Gráfico 1 – Desemprego em 2020



Fonte: IBGE *apud* (Economia/G1, 2020)².

Para além do aumento na taxa de desemprego de 11 para 14% entre maio e setembro de 2020, observou-se que pouco foi feito na tentativa de ajudar a população brasileira ao longo da pandemia, em especial às pessoas em situação de vulnerabilidade econômica. O auxílio emergencial encontrou enormes atropelos, entre os quais: demorou a ser discutido e aprovado para repasse, culminado com fraudes e injustiças, pois enfrentou resistência por parte do presidente negacionista que apresentou inúmeras dificuldades na execução da tarefa (Marins et al., 2021).

Ao final, pessoas que realmente estavam necessitando desse recurso não foram atendidas, enquanto pessoas que não cumpriam os requisitos determinados foram contempladas. Em acordo com Silveira (2020) a ajuda prometida pelo governo federal para os empresários também não foi efetivada de forma satisfatória e, por isso, levou à crise econômica que se amplificou, ainda mais, enquanto a pandemia se agravava (Bosquerolli et al. 2020).

Atrelado a isso, todo o aparato que envolvia as recomendações sanitárias básicas de combate ao coronavírus foi posta em xeque à medida que as desigualdades sociais se acentuavam e ganhavam visibilidade. As condições mínimas de higiene, como saneamento básico, água e sabão para lavar as mãos, não estavam sendo garantidas a grande parcela da população brasileira, bem como o acesso às máscaras de proteção adequadas e o álcool 70° sob responsabilidade do Instituto Nacional de Pesos e Medidas (INPM). Isso tudo exigia por parte do governo tomadas rápidas de decisão e: "...uma das alternativas encontradas para reverter

² Domínio público. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml>. Acesso: 19.ago.2024.



esse cenário foi a implementação de políticas de transferência de renda, através da criação ou do fortalecimento de programas de renda básica” (Marins, 2021, p. 11).

Contudo, pessoas em situação de rua, por exemplo, tiveram pouco apoio em relação às medidas adotadas pelo Governo Federal. Nesse contexto, a vulnerabilidade das comunidades com maior excedente populacional, como no caso das favelas e periferias das grandes cidades, provocou contágio de forma desordenada, causando colapso no sistema de saúde brasileiro que não deu conta de manter o atendimento das pessoas que procuravam por ajuda. Aos oportunistas isso tudo serviria para alavancar o discurso ultraliberal que se fizera: “altamente adaptável às adversidades impostas pela realidade, atacando o intervencionismo estatal” (Bosquerolli et al. 2020, p. 16).

Nas comunidades, a efetividade do isolamento social não se fazia presente. Ao invés disso, observavam-se ruas movimentadas, lojas, mercados e bares funcionando, com livre circulação de pessoas, sem restrições, demonstrando que o poder público fracassara, pois não conseguira fiscalizar essas comunidades. Estampado em uma faixa pendurada na entrada da Rocinha, o aviso “Fique dentro de casa” teve efeito meramente ilustrativo. “Um imenso desafio para um país que precisava organizar um modelo emergencial de implementação, que chegasse a públicos de vulnerabilidade diversos e nas mais diferentes realidades regionais (Marins, 2021, p. 14).

Nas favelas e em outros espaços periféricos das grandes cidades do país a quarentena não vingou e não se via sinal do poder público para frear o comércio, quase todo em funcionamento com o aval das “autoridades locais”. No começo, houve certo grau de isolamento, por determinação dos próprios contraventores, entretanto, outros eram flagrados pelas reportagens midiáticas comercializando drogas. As ruas estavam lotadas de indivíduos e se formavam ruidosas aglomerações nos bares, praças e outros espaços abertos. Festas em todos os estilos e nível de sons embalavam as noites como que se ignorasse a pandemia que assolava o planeta (Silveira; Cerqueira, 2020).

Mencionam Marins et al. (2020, p. 5) que cientistas políticos, assim como, pesquisadores das relações internacionais começaram “a estudar, nesse mesmo período, a formulação das políticas públicas, sobretudo seus princípios e os objetivos a serem atingidos por elas”. Dentro dessa lógica, Caldas (2008) afirma que:



As Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público. É certo que as ações que os dirigentes públicos (os governantes ou os tomadores de decisões) selecionam (suas prioridades) são aquelas que eles entendem serem as demandas ou expectativas da sociedade (Caldas, 2008, p. 5).

Considerando que a necropolítica corresponde ao uso do poder social e político para determinar como alguns indivíduos vivem e como outros devem morrer, com destaque para a distribuição desigual de oportunidades de sobrevivência e morte no sistema neoliberal ainda vigente. O termo necropolítica trata de um questionamento acerca de o Estado possuir ou não a permissão para matar, em defesa do discurso de ordem (Mbembe, 2016). Compreendendo-se de então, a adequação do termo à situação do Brasil em pandemia, em que se caminhara na contramão do entendimento sobre governabilidade, com descaso em torno das medidas sanitárias recomendadas, exequíveis apenas para a parcela privilegiada da população (Bruno; Cerqueira, 2020).

Como consideram Bosquerolli et al. (2020), durante a pandemia uma questão maior se fizera emergente: como a sociedade se organizaria posteriormente à crise pandêmica? Haja vista o vírus, independente da natureza letal e contagiosa, não sinalizar a capacidade de provocar mudanças sensíveis na forma como as sociedades mundiais se encontravam organizadas. Nesse sentido, os representantes do ordenamento burguês já mobilizavam o movimento de suas peças para a garantia da “normalidade” antecedente.

Além disso, embora o presidente em gestão, no Brasil, revogasse o Decreto 10.659 do ano de 2021 que instituiu o Comitê de Coordenação Nacional para Enfrentamento da Pandemia da covid-19, a partir do Decreto 11.077, de 2022 (Brasil, 2022), isso não determinou o fim da desassistência aos menos favorecidos. Assim escrito, porque após o último Decreto não fora apresentado um plano social e/ou econômico para a recuperação da nação. Passados alguns anos, a esperança de muitos que desejavam a organização de um mundo mais humano e menos conflituoso, uma vez mais, fora destruída por quem detém a insensatez e a insensibilidade capitais.

2.2 A imagem como expressão da sociedade



A arte possibilita a comunicação com a sociedade por meio de processos criativos a exemplo de: filmes, pinturas, música e teatro, entre outros espetáculos. Estimula às pessoas às experimentações que levam às reflexões, ao pensamento crítico, às emoções, à afetividade e troca de saberes promovendo a criação de novos conhecimentos. Assim observado: o ser humano consegue se expressar por meio da Arte como forma de representar o próprio meio social. Assim, utiliza a expressão artística como ente simbólico para a representação da realidade, sob a égide da diversidade cultural como enfoque emergente da sociedade em suas dimensões culturais (Rocha Neto, 2006).

Nesse contexto, as produções artísticas são interpretadas como produto do trabalho humano e constituídas de significados diretamente relacionados às culturas, lugares e tempos distintos. As artes plásticas, por exemplo, utilizando imagens como um dos elementos que constitui o objeto artístico, imprimem significados relacionando-os aos conhecimentos que embasam os mais variados olhares sobre elas.

A linguagem visual representada pelas artes plásticas, bem como a escrita, pode ser acrescida de informações complementares que auxiliam no entendimento das complexidades que as cercam. Nesse sentido:

A leitura de imagens tem chamado à atenção tanto dos professores como dos estudantes das diversas áreas do conhecimento que têm na imagem o objeto de interesse. Observe-se que a educação a partir da imagem – embora possa distinguir-se da educação para a imagem – implica na formação dos professores que desejam utilizar este recurso como auxiliar do processo de comunicação pedagógica, assim como, para a formação do próprio estudante no convívio do que podemos classificar de “sociedade da imagem” (Rocha Neto, 2006, p. 12).

Tal recurso apontado por Rocha Neto (2006) funciona como forma de legitimação dos recursos pedagógicos utilizados por muitos profissionais da área de educação, sobretudo das Ciências Sociais. Seus componentes curriculares trazem como objetivo a possibilidade aos estudantes de compreensão sobre as relações de poder, o entendimento crítico das sociedades e cultura, e dos processos geográficos e históricos que moldam o planeta.



2.3 Semiologia na obra de Portinari (1944) e no registro fotográfico de Ricardo Borges (2020)

As Artes consigo carregam possibilidades de estímulos e experimentações bastantes sensíveis ao ser humano. Simultaneamente, podem provocar elucubrações e significados distintos e variados, reportando às relações de mistérios, revelações, indagações e expressões dependentes do contexto se influenciado por realidades e culturas específicas. Sobre esse pensamento, Rocha Neto (2006, p. 15) afirma que: “...não há leitura de imagens que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor”.

É sob essa profusão de temas e interpretações semióticas que se analisará, neste estudo, a obra de Cândido Portinari (1903-1962), pintor brasileiro conhecido por retratar a temática do homem/povo-brasileiro e suas demandas sociais e históricas, contribuição significativa para a formação da cultura nacional contemporânea, com trabalhos que destacam o sofrimento e as mazelas sociais e humanas. Entre essas obras, Portinari singularizou, em 1944, com abordagem do tema da migração nordestina, uma família em fuga da terra natal para escapar da miséria e da fome recorrentes no sertão brasileiro entre os séculos XIX e XX (imagem 1).

Imagem 1 – Retirantes (1944)



Fonte: Pintura óleo/tela Projeto Portinari (1979)³

³ Domínio público. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/os-retirantes-candido-portinari/>. Acesso: 19 ago. 2024.



Negligenciados à própria sorte pelos governos e pelos grandes latifundiários essas pessoas buscavam meios de sobrevivência aos períodos dramáticos de estiagem no interior do Nordeste. A questão da fome não fora expediente exclusivo do século XX: triste realidade de considerável número da população brasileira que abandonada, afastava-se de seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida em outras partes do país, sobretudo o Sudeste. Como sustenta Leme (2021), embora em proporções acirradas nos anos 1930 e 1940, fizera-se observada como uma questão coletiva e estrutural, somente após esse período, a partir do qual deixa de vista como infortúnio pessoal ou climático e passa a ser tratada como um problema de base social e estruturalmente montado.

Muitas são as semiologias presentes nessa obra, a qual destaca peculiaridades inerentes à concretude nas expressões e a composição de força e sofrimento com que retrata emoções da forma mais realista possível, proporcionando maior aproximação de quem a observa, causando sensações e sentimentos impactantes. Grande carga dramática predomina na pintura, na forma como os signos são representados através de imagens, o que remete a algo trágico, triste e que comove quem a observa.

Para tanto, entendendo-se ao signo que, segundo Melo e Melo (2015), serve como um meio de comunicação entre indivíduos, compreendido como possibilidades de identificação análoga variáveis, com base na cultura em que cada um se insere, em contato com a Arte. A percepção, enquanto ocorrência individual, é tratada como uma rede de significados que circundam os seres humanos e que culminam na comunicação como ferramenta para interpretações, reproduções, manutenção e transformação desses significados (Harvey, 2008).

Diante da família de retirantes na pintura de Portinari, é possível fazer alusão ao infortúnio e à miséria que a cerca o ambiente materializado de maneira sombria, inapropriado à existência humana. Para evidenciar o desespero das personagens que buscam por sobrevivência ao sair de seu local de morada, mostra-se as feições desesperançosas, que culminam em uma crítica social, com destaque à aparência das personagens, principalmente das crianças presentes na tela, com olhares desolados e estrutura física bastante debilitada, subnutrida, raquítica, com uma delas, visivelmente, acometida por doença comumente chamada “barriga d’água”.

A vulnerabilidade dessa família é retratada de maneira chocante à medida em que se notam elementos como as aves que sobrevoam a família – urubus – que costumam se alimentar de carcaças, pairando como se estivessem à espreita para



abocanhar alguma coisa, fazendo com que se acredite que o alvo é, precisamente, a família que caminha pelo território seco, sombrio e desolador. A condição social dos retirantes também é evidenciada por alguns elementos, como os pés descalços tocando diretamente o solo duro, seco e quente, bem como as vestimentas – e a ausência dela na criança pela mãe carregada – e os adereços humildes atrelados à sensação de cansaço ilustrada tão enfaticamente nas expressões corporais e faciais, denotando a ausência de expectativas, dada a condição de miséria, que, de modo geral, denuncia as mazelas sociais inerentes às desigualdades sociais existentes no Brasil da época e ainda existentes hoje.

Os aspectos destacados acerca da necropolítica do governo brasileiro no trato com a pandemia (2019-2022), no tópico anterior, e a análise das simbologias existentes na obra de Cândido Portinari, servem como base para a comparação com a fotografia registrada por Ricardo Borges em reportagem publicada para a Revista VEJA (2020), a qual mostra uma família em situação de pobreza extrema, que tenta sobreviver sob o cenário da pandemia no Brasil. São analisados elementos e características que sugerem relação de singularidade com os que foram destacados na obra “Retirantes” de Portinari.

A imagem em questão causa grande impacto pela representação da família com olhar desolado, desesperançoso e pelo ambiente insalubre e propício à proliferação do vírus, dada as condições precárias de habitação (Imagem 2).

Imagem 2 – Retrato da pandemia – 2020



Fonte: Borg

⁴ Domínio público
<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/15/brasil-registra-mais-de-539-mil-mortes-de-covid-na-pandemia-em-queda-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-1o-de-marco.ghtml>. Acesso: 19.ago.2024.



A propósito desse registro, Leme (2021) escreve que a referência internacional de personificação da fome perpassa pela constituição simbólica de indivíduos, sobretudo mulheres e crianças, atirados à própria sorte, sem que possam contar com recursos pessoais ou assistenciais para se esquivar da miséria. Dentro dessas proporções:

A fotografia foi um instrumento essencial para a aproximação da temática da fome com o leitor e a criação de uma sensibilidade ao tema por meio desses personagens. Elas mostravam crianças esqueléticas, com a barriga inchada, mulheres, principalmente mães, também muito magras, todos em condições precárias. Essa exposição traz um sentimento de horror e compaixão que parte da expansão da pertinência da fome como questão (Leme, 2021, p. 1121).

Buscando simbologias alinhadas à análise da obra de Portinari, pode-se inferir sobre a relação direta de – mesmo com uso das máscaras – ser possível identificar o cenário psicológico de expressões das pessoas registradas, dentro de um quadro de desânimo, preocupação e desesperança em meio a desassistência do Estado, como já mencionado aqui. A vulnerabilidade dessa família, bem como a sensação de tristeza e fragilidade, faz alusão à miséria que a cerca, em acordo com os elementos visualizados que compõem o quadro fotográfico.

A estrutura da casa, que serve de fundo ao cenário físico, remete à obra inacabada, com tapumes e madeiras velhas como suporte estrutural. Tem-se, assim, o flagrante da moradia precária das comunidades das favelas e periferias brasileiras, estabelecendo a ideia de um ambiente nocivo à sobrevivência, uma vez que a instalação elétrica exposta e o lixo aguardando descarte são detalhes contundentes da realidade em registro.

Outro aspecto a ser levado em consideração, nesse contexto, dá-se por meio da percepção de que há roupas estendidas próximo aos sacos de lixo, evidenciando questões espaciais e estruturais que refletem a insalubridade e em condições de higiene básicas, inexistentes, para obter os cuidados necessários de combate à disseminação do vírus. Se a recomendação mais difundida durante a pandemia fora a higienização constante, não só pessoal, mas do ambiente, bem como das roupas, sapatos e pertences, em geral: como esta família poderia dar conta de cumprir tais



medidas sem assistência externa, visto que não apresenta o mínimo de estrutura mobiliária para tanto?

De acordo com a reportagem da revista *Veja*, de maio de 2020, questiona-se exatamente a respeito dessa realidade refletindo sobre as recomendações sanitárias básicas para controle da pandemia, mediante a existência das famílias residentes nas comunidades das favelas e periferias brasileiras, onde falta o saneamento básico para higiene das mãos e descarte de dejetos. [...] como seria na hora em que o inimigo invisível aterrissasse nos aglomerados de casebres plantados em meio à escassez – até mesmo de água para manter as mãos higienizadas e livres do vírus? Este capítulo da pandemia foi escrito à medida que as 6.300 favelas do Brasil e o grande número de periferias existentes no país registravam curvas ascendentes, onde quase 12 milhões de pessoas em situação semelhantes viviam em favelas (Bruno; Cerqueira, 2020).

As crianças também chamam à atenção, no registro, por suas expressões entristecidas, nada comum para suas idades. Os adultos – apenas mulheres, realidade de muitas famílias brasileiras – com vestimentas simples, adereços inexistentes e pés descalços tocando o solo, desta feita nem tão duro e seco, trazem, no geral, elementos similares aos identificados na obra “Os retirantes” e que também remetem às expressões corporais e faciais, que denotam a falta de expectativas, em razão da condição de extrema pobreza, denunciando, mais uma vez, as mazelas sociais inerentes às desigualdades existentes no Brasil, agravadas com a pandemia.

No entanto, há de se destacar também, entre as simbologias presentes nas duas imagens selecionadas para esta análise, dois elementos característicos que as difere. O primeiro deles é a constituição de família, na obra de Portinari, retratada em composição tradicional: pai, mãe, filhos. Já na fotografia de Ricardo Borges, mulheres mais jovens, crianças e uma idosa, possivelmente avó, correspondendo a configuração mais contemporânea de família, na qual a presença masculina pouco se faz presente.

O segundo elemento, dá conta de uma família evidentemente ingressa em uma jornada de desafios pela busca de sobrevivência distante do seu local de origem, observado em Portinari (1944). A outra, conformada com sua condição, ou simplesmente, por não ter a migração como alternativa viável, resigna-se ao local de moradia, mesmo diante das enormes impossibilidades, com a esperança de



sobreviver ao curso pandêmico sem a assistência de políticas públicas efetivas que a auxiliem a atravessar esta fase com dignidade.

Nesse último contexto, reflete-se o que para muitos soou como objetivo a gestão do governo federal adotar a necropolítica diante da crise instaurada pela pandemia de Covid-19, quando do não atendimento às famílias que necessitavam de auxílio, deixando-as abandonadas à própria sorte. E, ainda, por uma série de atitudes negacionistas, como o descrédito formulado contra as vacinas, negativa à proposta de auxílio de outros governos de Estado e o desincentivo ao lockdown. Logo, a realidade de pobreza extrema, aliada às mazelas estruturais do espaço em que essas pessoas habitavam, agravou, ainda mais, o quadro pandêmico devido à inércia do poder público.

Embora o conceito de necropolítica (Mbembe, 2016) seja mais recente, é possível atribuir também ao governo de Getúlio Vargas a mesma pecha administrativa. Visto que, fantasiados de política de amparo foram criados campos de concentração no Estado do Ceará, como projeto elaborado pelo ministério de Viação e Obras Públicas em parceria com o governo cearense. Juntos, governo federal e estadual estabeleceram esses espaços para o confinamento de flagelados das secas (Câmara e Câmara, 2015).

Com base no que se pôde inferir, acerca das análises da pintura de Cândido Portinari e da fotografia de Ricardo Borges, é possível afirmar que as singularidades semiológicas identificadas nos dois documentos, reafirmam, tristemente, um quadro de desigualdade social instalado no Brasil, supostamente objetivado por ambos os governos federais. Agravado em razão das medidas definitivamente inoperantes tomadas para a gestão da seca no Nordeste e para a crise na pandemia da Covid 19.

Considerações finais

Os resultados desta pesquisa apontaram que a necropolítica adotada pelo governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) para a contenção da pandemia da Covid 19 culminou com o aumento significativo de mortes causadas pela doença, assim como, das desigualdades sociais, num estágio de recorrência só comparado aos anos de miséria vividos pela população nordestina nos séculos XIX e XX. A partir do que se inferiu que os dados comparativos entre a obra de Portinari (1944) e a fotografia de Ricardo Borges (2020) foram evidentes quanto a essa conclusão.



Nesse sentido, é necessário entender que Portinari e Borges estiveram, cada um a seu modo, diante de família em situação de vulnerabilidade. A família criada pelo primeiro ressurge na família avistada pelo segundo. Os retirantes são contrapostos, assim, àqueles que já não têm para onde ir. É assim que a compreensão da necropolítica praticada pelo governo federal, que se fez presente na gestão da crise da pandemia de Covid-19, permite uma visão crítica sobre as desigualdades sociais no país, por meio da análise semiológicas em relação às obras selecionadas.

Há de se registrar, contudo, que o tema aqui explorado não é finito e espera-se que seja compreendido como um incentivo para ampliar a realização de estudos a ele semelhantes. De tal maneira, será possível entender que o conhecimento se apresenta como em constante movimento de construção.



References

BOSQUEROLLI, Arthur Martins; FUJARRA, Bruno Henrique; KESSEY, Getúlio Antônio Brandalise Rodrigues, *et al.* **Brasil e o mundo diante da Covid-19 e da crise econômica**. Curitiba-PR, editora: PET Economia UFPR, 2020.

BRASIL. **DECRETO Nº 11.077, DE 20 DE MAIO DE 2022**. Declara a revogação, para os fins do disposto no art. 16 da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de decretos normativos. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.077-de-20-de-maio-de-2022-401779038>. Acesso: 16.08.2024.

BRUNO, Cássio; CERQUEIRA, Sofia. O coronavírus dispara nas favelas. **Revista Veja**, ed. Especial, 30 abril de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/o-coronavirus-chega-a-favela>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CALDAS, Ricardo Wahrendorff. **Políticas Públicas**: conceitos e práticas / supervisão por Brenner Lopes e Jefferson Ney Amaral. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008.

CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; CÂMARA, Yls Rabelo. CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO CEARÁ: UMA REALIDADE RETRATADA POR RACHEL DE QUEIROZ EM O QUINZE (1930). **Revista Entrelaces – Ano V – nº 06 – jul.-dez. 2015 - ISSN 1980-4571**. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23403/1/2015_art_ymrcamarayrcamara.pdf. Acesso: 15.08.2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 69-90. G1. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19**. 08 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2021.



G1. **Brasil registra mais de 539 mil mortes de Covid na pandemia; em queda, média móvel é a mais baixa desde 1º de março.** 15 jul. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/15/brasil-registra-mais-de-539-mil-mortes-de-covid-na-pandemia-em-queda-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-1o-de-marco.ghtml>. Acesso em: 16 jul. 2021.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

LEME, Adriana Salay. Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil, 1932-1946. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro**, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1115-1135. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/PqpXgJyrCf4PbsgnFGL7zQf/>. Acesso: 15.08.2024.

MARINS, Mani Tebet; RODRIGUES, M. N.; SILVA, J. M. L. da; SILVA, K. C. M. da; CARVALHO, P. L. Auxílio Emergencial em tempos de pandemia. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 36, Número 2, Maio/Agosto 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xJ7mwmL7hGx9dPDtthGYM3m/>. Acesso: 15.08.2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. **Arte & Ensaios**, v. 32, p. 122-151, 2016. MELO, Desirée Paschoal de; MELO, Venise Paschoal de. **Uma introdução à semiótica peirceana.** Paraná: Unicentro, 2015.

PORTINARI, Cândido. **Projeto Portinari.** Retirantes. Pintura óleo/tela, 1944. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROCHA NETO, Manoel Alves da. **Possibilidades de leitura na obra “Retirantes” de Cândido Portinari.** Monografia (Curso de Artes Plásticas). Universidade Federal de Uberlândia, MG, p. 59. 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** Coleção primeiros passos. Editora: Brasiliense, v.103, 1983.

SILVEIRA, Daniel. Desemprego diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE. **G1.** Rio de Janeiro, 23 out. 2020. Disponível em:



<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-d-a-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.



About the Authors

Ana Clara Solon Rufino, graduated in Visual Arts and Image Technology from the University of Amazon. She is a PhD student at the Postgraduate Program in Communication, Languages and Culture (PPGCLC), University of Amazon.

Rosângela Araújo Darwich is a professor for the Postgraduate Program in Communication, Languages and Culture (PPGCLC) and the Psychology course at the University of Amazon. She has a PhD in Psychology: Behavior Theory and Research (PPGTPC/UFPA) and post-doctoral internship at the Protestant University of Applied Sciences in Freiburg, Germany.